

# A LITERATURA DE CORDEL COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO PARA INCLUSÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO DA MORFOLOGIA.

MONICA ISABEL S. FARIAS.

## RESUMO

O referente artigo pretende debater sobre a Literatura de Cordel: Um recurso Pedagógico para inclusão e para construção do conhecimento no ensino da Morfologia, o qual vai discutir a questão do processo de formação de palavras , principalmente no que diz respeito à. Criação de novas palavras de uma forma moderna embasada principalmente nos princípios gerais da gramática gerativa sem se prender nos rigores dessa Escola, entretanto falará um pouco das outras, mas partindo de uma concepção que considera o cordel como uma manifestação artística Popular da cultura brasileira e nordestina que pode ser utilizado no Contexto Escolar e os folhetos podem ter o seu teor pedagógico e educativo que pode favorecer e facilitar o ensino aprendizagem possibilitando a exploração de diversa tipologia de temas que representam uma realidade Social e política que é de grande importância para a cultura do cotidiano e da Historia a partir de sua construção permitindo que o educando expresse o mundo e a vida. Assim sendo este trabalho acadêmico trás em primeiro momento uma Introdução envolvendo o tema em discussão, a importância do cordel na cultura Nordestina e brasileira, na comunicação, nos aspectos orais e escritos em sala de aula, na inclusão do TDH, no ensino da morfologia, um prevê histórico da Educação especial, incluindo TDAH (Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, o ensino da morfologia (processo de formação de palavras) através do recurso pedagógico do cordel). O Cordel por ser uma linguagem ritmada, lúdica e divertida que educar, Interage na melhorar das expressões orais e escritas, pode também interagir na aprendizagem de alunos de salas regulares com alunos de necessidades especiais TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade) para a colaboração para formação de uma consciência critica dos mesmos. Assim sendo esse artigo tem como marco teórico a investigação realizada, em especial, pela contribuição teórica de Luyten, Rocha, Perrenoud, Basílio, Freire. Cunha e outros ligados a temática em discussão. Palavra chave: literatura de cordel, inclusão, construção, comunicação no ensino da morfologia.

## ABSTRACT

The article intends to discuss the Cordel literature: An Educational resource for inclusion and for construction of knowledge in teaching of morphology, which will discuss the issue of process of forming words, mainly as regards. creation of new words in a modern way based mainly on general principles of generative grammar without arrest in the rigors of this schoolin the meantime he will speak a bit of the other, but starting from a

conception that considers the string as a Popular artistic manifestation of the Northeastern Brazilian culture and that can be used in the School Context and the leaflets may have its pedagogical and educational content that can promote and facilitate the teaching learning enabling the exploration of diverse typology of themes that represent a Social and political reality that is of great importance to the everyday culture and history the from its construction allowing the learner to express the world and life. Therefore this academic paper back in first an introduction involving the subject under discussion, the importance of Northeastern culture and Brazilian cordel, in communication, oral and written aspects in the classroom, on the inclusion of TDH in the teaching of morphology, a history of special education provides, including ADHD (attention deficit hyperactivity disorder, the teaching of morphology (word formation process) through the pedagogical feature of string). The String to be a rhythmic language, playful and fun that educate, Interact on improving oral and written expressions, may also interact in the learning of students in regular classrooms with students with special needs ADHD (attention deficit hyperactivity disorder) for collaboration for formation of a critical consciousness of the same. Therefore this article has as theoretical research, in particular for theoretical contribution of Luyten, Rocha, Perrenoud, Basilio, Freire. Cunha and others connected the theme under discussion. Keyword: cordel literature, construction, communication, inclusion in the teaching of morphology.

## INTRODUÇÃO

O movimento atual da Educação Especial propõe a mobilização da escola para a inclusão de portadores de necessidades educativas especiais. Esse movimento faz com que algumas instituições educativas e educadores reflitam sobre os fundamentos desta nova concepção de ensino, exclusivamente sobre a especialidade de sua tarefa no que diz respeito à convivência com essa clientela que exige mudança nas metodologias de ensino e que compreenda que é de grande importância uma pedagogia inclusiva na escola. Assim esta reconhecendo que a inclusão não se refere só a pessoas com necessidades educacionais especiais e sim a sua essência e legitimidade a toda a educação, já que a mesma é um direito de todos e todos nós somos inacabados por sermos diferentes porque possuímos diferentes sonhos e necessidades. “ homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. Somente Deus sabe de maneira absoluta” ( Paulo Freire)

Segundo Perrenoud (2010, p. 23) afirmar que: “O tratamento de certas diferenças favorece os favorecidos” Nem todos os alunos de uma classe recebem a atenção de estímulo, de calor, de amor, de confiança e apoio do educador, pois essas diferenças persistem em reforçar as desigualdades. O professor “EDUCADOR” precisa analisar a

sua prática pedagógica, a cultura do aluno, a cultura do seu país, e principalmente a cultura do cotidiano para que realmente haja uma aprendizagem inclusiva. Para progredir nesse sentido não são necessariamente grandes reformas educativas, entretanto o que precisa ser mudado é o professor. É preciso que ele clame, queira, reflita pela sua mudança. A prática libertadora proposta por Freire que liga pensamento e ação do educador faz uma reflexão sobre o mundo em qual o homem regula e orienta sua ação o qual ele pode concordar ou discordar o que foi pensado e analisado. Assim lhe proporcionara caminhos de novas formas de operar o mundo para uma ação consciente que reflita em uma posição, uma liberação em repetição ou mudança.

.Quanto mais conscientização, mais se ‘des-vela’ a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente do qual nos encontramos para analisar \_ ló por essa mesma razão, a conscientização não consiste em ‘estar frente à realidade’ ou uma posição falsamente intelectual.” A conscientização não pode existir ‘práxis’, ou melhor, sem o ato de ação-reflexão. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza o homem.” ( FREIRE,1980.p 26 )

Sendo assim as novas perspectivas educativa que traz uma proposta para viabilizar o ato de aprendizagem na inclusão requer uma ação que provavelmente deve estar sobre a razão da intenção do educador. Essa intenção de incluir o excluído estando em primeiro lugar vai provavelmente garantir a participação e o aprendizado do educando.

Segundo Cunha ( 2007.p71) “ Na dialética da alma, a nossa incompletude é superada por meio do que é qualitativo. Dos diversos predicados que nos sensibilizam, o sabe se completa quando é alcançado pelo desejo.” Desta forma um ambiente efetivo ,interativo ,cercado pelas qualidades das relações humanas é uma porta aberta à inclusão que ao lidar com a falta ou com suposição dela de toda ordem de recursos como :subjetivos,pessoais e de formação sobre a capacidade .

Assim inclusão da Literatura de Cordel no ensino da morfologia pode contribuir no aprendizado do educando de necessidade especial TDAH, na interação com alunos de classe regular, despertar o senso crítico e também a sua capacidade de observação da realidade histórica, social, econômica, política do Nordeste e do Brasil. No Nordeste porque foi a região do Brasil em que mais essa literatura popular obteve maior facilidade de divulgação. Assim se tornou uma linguagem carregada de expressividade e historicidade relacionada à cultura popular e também como social, sócio\_ discursiva em qualquer conteúdo de área de ensino, em salas de aulas por ser o local de construção de

conhecimento e no ensino da morfologia porque pode proporcionar ao educando a capacidade de rever alternativas para expressar, divulgar sua criatividade, além de ser uma poesia narrativa e uma forma de produção de conhecimento expressado pela cultura. O cordel vem possibilitar a interação de vários saberes o qual permite argumentar que as praticas populares interajam com as dimensões da subjetividade inerente à produção das ciências sociais e humanas proporcionando aspectos de grande importância para as relações referentes, a saber, científico e saber popular.

Usar a literatura de cordel como recurso pedagógico no ensino da morfologia (processo de formação das palavras) vai despertar no aluno a formação e renovação do vocabulário.

Segundo Chomsky (1972, p. 23) afirma: “.....linguagem humana é livre de controle de estímulos que serve primordialmente como órgão do pensamento, como meio de chegar ao pensamento reflexivo e só secundariamente serve de finalidade de comunicação social.” A linguística Chomskyana considera a linguagem não com um simples meio de comunicação, mas como uma projeção ou um atributo do próprio homem.

Desta forma a linguagem humana deixa de ser um mero instrumento de comunicação, para se confundir com a essência do próprio homem. “Uma teoria linguística não deve ser confundida com um manual de procedimentos uteis, nem deve esperar que ela assegurasse métodos para a descoberta de gramáticas” (LYONS, 1973, p 23).

Conforme o pensamento saussuriano a essência do pensamento que consiste em se considerar que a língua é um sistema de valores formando as mais variadas estruturas da língua. Um falante que ouve uma palavra pela primeira vez tem conhecimento que é uma palavra da sua língua, e percebe intuições a respeito de sua estrutura e de seu significado. Portanto conforme Aronoff deve também dizer algumas coisas a respeito desses fatos, em particular a respeito da relação entre o mecanismo formais que criam novas palavras e a análise de palavras já existente. Segundo Aronoff a afirmar: (1976, P. 4) em Scalise (1984, p.41)”: “ O objeto de uma teoria morfológica é o de definir as “nova” palavras que o falante pode formar ou mais especialmente, as regras através das quais as palavras são formadas”.

Assim sendo trabalhar com recurso do Cordel na aprendizagem de alunos de necessidades educativas TDAH é uma proposta desafiadora para educadores (as) e para a autora desse trabalho que persistem fazendo \_se perguntas, propondo a aprender, resistindo a zona de conforto, entretanto encarando os desafios ,principalmente aqueles que convive com alunos com deficiências e ação de aprendizagem, desenvolvimento e

transformação do educador e do educando que venha proporcionar superação buscas de soluções de novas possibilidades para uma aprendizagem inclusiva.

A reformulação da escola para incluir os excluídos precisa ser uma revolução que aponha do avesso em sua razão de existir, em seu ideal político pedagógico. É necessário muito mais do que uma reformulação do espaço escolar, do conteúdo programático ou de ritmos de aprendizagem ou de maior preparação do professor. (KUPEFER, FREIRE, 2000, p. 112).

## A LITERATURA DE CORDEL, SUA IMPORTANCIA NA CULTURA NORDESTINA E BRASILEIRA.

A literatura popular nordestina, o Cordel é um importante recurso musical que pode, com muita propriedade ser utilizado como recurso pedagógico para interagir, na melhoria das expressões oral e escrita, por meio da morfologia, ou seja, por meio do Processo de formação de palavra.

Dessa forma, esse trabalho acadêmico buscou verificar os aspectos teóricos da literatura de Cordel, a qual teve início com os romanceiros do Renascimento. Nessa época, também se deu início ao uso de material gráfico, impresso com relatos tradicionais na linguagem oral feita pelos trovadores medievais. Esse período se desenvolveu até a idade contemporânea.

Conforme Boroja (1988, p. 56) o cordel é o nome que se dá à literatura popular ibérica vendida nas ruas, pendurada em barbantes. Esse material era oferecido em fascículos, das Edições Luzeiro, onde se registrava lendas, que eram referências explícitas tanto em Portugal como no Brasil.

Luyten (2005, p. 10) afirma que:

A literatura de cordel no seu sentido mais tradicional se refere apenas aos contatos do homem do povo, com o seu semelhante e, numa progressão mais recente pode influir ou ser influenciada pela mídia.

O cordel teve sua origem na Europa Medieval primeiramente na região de Provence na França e em seguida se espalhou pela Espanha, Portugal, Alemanha, Itália, Holanda e Inglaterra. Em seguida, foi trazida pela colonização Ibérica para a América Latina. Nos

países como Chile, Argentina, Uruguai, Peru, Paraguai essa literatura tornou-se conhecida como lojas ou pliegos soltos, com textos que tinham a presença da forma poética.

No Brasil a Literatura de Cordel foi trazida pelos portugueses na época da colonização, então tal literatura ficou com o nome “Cordel ou Barbante” herdado da tradição portuguesa, por expor os folhetos em praças, mercados, feiras livres, pendurados em cordões ou simplesmente espalhados em cima de esteiras.

No Nordeste brasileiro se manteve o costume e o nome, pelo fato de que os folhetos eram expostos à venda pendurados e presos por pregadores de roupa em barbantes esticados entre duas estacas, fixadas em caixotes.

Diegues Jr, (1977 p.3) “O nome de Literatura de Cordel vem de Portugal”

Ainda de acordo com Diegues Jr. (1977, p.3), os cordelistas são os chamados romanceiros ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativa, de guerras, ou viagens ou conquistas marítimas”. O cordel é a divulgação de histórias tradicionais que tratam de narrativas de tempos passados, conservadores, transmitidos por meio da memória popular.

Diante disso, a literatura de cordel no Brasil começa a traçar caminhos até se firmar na luta pela resistência e formação da identidade cultural do povo sertanejo e brasileiro.

Diante disso a literatura de cordel no Brasil começa a traçar caminhos até se firmar na luta pela resistência e formação da identidade cultural do povo sertanejo e brasileiro.

São vários os ciclos que esta literatura popular percorreu até a sua chegada no Brasil. Inicialmente introduzida como literatura colonial, trazia um retrato da metrópole portuguesa com temas europeus, que narravam epopeias de bravuras e conquistas. Posteriormente passou a ter influência das etnias existentes no Brasil, indígena e africana, com grande tradição na oralidade.

Posteriormente foi identificada com o cancionário nordestino que também fazia uso da tradição oral e expressava a sua poética nas emboladas, hoje conhecido como repente. A embolada é um gênero musical de origem nordestina e tem como principal característica o curto intervalo entre as palavras e os versos, criando assim uma melodia quase que totalmente oratória. Geralmente é feito de improviso quando ocorre o encontro de dois emboladores em uma feira e os temas na maioria são satíricos, cômicos, e descritivo. Em

1979, a dupla Caju e Castanha formado pelos irmãos Jose Alberto e Jose Roberto da Silva participaram do documentário da cineasta Tânia Quares na Intitulado Nordeste: cordel, repente, canção. Com a chegada da tipografia no Brasil e posteriormente com a sua popularização, a literatura de cordel passou a ser produzida em uma escala considerável, pois no final do século XIX ocorreram algumas práticas de editoras localizadas, principalmente, nas regiões norte e nordeste. As referidas editoras se especializaram na produção de publicações populares direcionadas para o público de baixo poder aquisitivo, aumentando a sua tiragem e conseqüentemente a sua circulação. Essa produção preservou as características originais impressa em folhetos e com harmonização poética, porém com conteúdo regional, onde passou a abordar fatos do cotidiano nordestino. Assim, dá-se início a um novo ciclo da literatura de cordel, agora como crônica poética de fatos cotidianos. O processo musical e poético que ocorre nas estrofes de cordel e os desafios caracterizados por textos declamados rapidamente sobre notas repetidas indica a busca por uma identidade. Essa trajetória fez com que essa literatura popular encontrasse no seu ciclo épico seus verdadeiros representantes na luta por justiça social, representado pelo sertanejo, o cangaceiro. Começa então, a cunhar a sua própria identidade, ou seja, a identidade do povo sertanejo. Observa-se na obra do cordelista Francisco das Chagas Batista, a figura principal sendo o cangaceiro Antônio Silvino.

HALL (2006, p.48) afirma que:

As identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação. Assim como a literatura de cordel, que chega ao Brasil como literatura colonial e se transforma em trincheira da resistência cultural do nordeste brasileiro e posteriormente passa a fazer parte da identidade nacional.

O poema de BATISTA (1957, p. 3) afirma:

*Meu avô foi muito rico/ e meu pai foi abastado/ mas não mandou me educar/ porque onde foi criado/ o povo não aprecia/ o homem civilizado/ Ali se aprecia muito/ um cantador, um vaqueiro/ um amansador de poldro/ que seja bem catingueiro/ um homem que mata onças/ ou então um cangaceiro/ Meu pai fez diversas mortes/ porém nunca foi bandido/ matava em defesa própria/ quando se via agredido/ pois nunca guardou desfeita/ e morreu por atrevido/ Enquanto eu era pequeno/ aprendi a trabalhar/ chegando aos 14 anos/ dediquei-me a vaquejar/ abracei Meu avô*

*foi muito rico/ e meu pai foi abastado/ mas não mandou me educar/ porque onde foi criado/ o povo não aprecia/ o homem civilizado/ Ali se aprecia muito/ um cantador, um vaqueiro/ um amansador de poldro/ que seja bem catingueiro/ um homem que mata onças/ ou então um cangaceiro/ Meu pai fez diversas mortes/ porém nunca foi bandido/ matava em defesa própria/ quando se via agredido/ pois nunca guardou desfeita/ e morreu por atrevido/ Enquanto eu era pequeno/ aprendi a trabalhar/ chegando aos 14 anos/ dediquei-me a vaquejar/ abracei aos vinte anos/ a profissão de matar.*

No poema abaixo, os problemas sociais, econômicos e culturais do nordeste brasileiro passam a ser o esteio dessa literatura. A problemática nordestina é expressa por ela, o que pode se confirmado por Areda (s/d, p.1):

*Com pena, tristeza magoa / peço a Deus que me conforte / pra contar com poesia / A vil situação forte / da pobreza em reboição / e os paus de arara do Norte / vem desde 51 / esse destroço geral / o povo em revolução do sertão a capital / deixa a terra que nascera pra cumprir um ideal / quem é rico nada sofre / só o pobre é quem se aperta / pra todo o lado que vai / luta muito / nunca acerta / agarra os mulambos e queima / no pau de arara deserta / em direção ao sul / vive o povo em reboição / sem procurar proteção / a procura de serviço / leva o tempo de entra e sai / como abelha no corti.*

Cavignac (2006, p. 363) afirma que a literatura de cordel vai mais além da intenção de dar voz ao Nordeste cangaceiro. O sertanejo, o herói que luta pela injustiça social, também passa a exercer o papel de imprensa popular, dando início assim ao seu ciclo jornalístico, que tem como consequência a marca da sua identidade cultural. O autor do cordel diante das mensagens pelos meios de comunicação de massa, recodifica para o seu público e, nessa recodificação utiliza sua própria linguagem. Assim atinge o seu público.

Cavignac (2006, p.363) afirma que:

*Essa forma de linguagem, referida por Jaques Galinier como “gênero literário atípico”, começou a levantar, em sua longa experiência de campo, um fenômeno muito mais amplo que o até então considerado pelos estudiosos do cordel, mostrando que, muito além de literatura e de uma forma escrita e oral, essa linguagem traz à tona a cultura e a visão de mundo de um povo.*



*Essas “expressões populares”, que na realidade representam impressões de vida, recheadas de poesia, biografias, histórias factuais, símbolos e mitos, referem-se, como colocou Geertz (1979), à dupla condição de um modelo de sociedade e para sociedades, servindo para simbolizar a cultura naquele dado momento.*

Do exposto verifica-se que o ser humano não se torna homem a não ser que se integre em um grupo que lhe ensine a cultura e preencha a distancia entre o cérebro e o ambiente. Esse processo reside na transmissão de trocas de comunicação, mostrando uma maneira coletiva de viver e compreender o mundo. Reflete a reprodução de um conjunto de significações graça as quais os homens dão forma a sua experiência, ao tornar-se homem. A cultura deve ser reproduzida em cada individuo em seu período de aprendizagem para poder auto interpretar e perpetuar a grande complexidade social, enquanto um sistema fenomenal, datado de uma memória geradora/ regeneradora, intitulada de cultura. (NÓVOA , 1991, p. 46).

### **Diversidade da Literatura de Cordel na Comunicação popular**

A literatura de cordel brasileiro, poesia popular impressa mostrava sua vitalidade, no final do século XIX e no inicio do século XX. Nessa época segundo o folclorista Silvio Romero os folhetos estavam condenados à morte por causa do advento e distribuição de jornais pelo interior do Brasil. Na década de 1930, outros pesquisadores repetiram os mesmos comentários, mencionando o radio como culpado e nos anos 1960 a televisão.

Hoje, em pleno século XXI a produção de Literatura de Cordel esta longe de desaparecer. Houve sim euforia do povo com o surgimento de outros meios de comunicação, mas elas não foram causadas pela vontade popular de informar e formar-se. Nas décadas de 1960 e meado de 1980, houve no Brasil uma grande inflação que teve como consequência o empobrecimento dos brasileiros, que nem sequer tinham recursos para se sustentar e muito menos para comprar folhetos.

Na segunda metade do século XX houve no Brasil uma das mais significativas migrações internas de que se tem na historia. Por volta de 1950, mais de 75% da população brasileira moravam em regiões rurais, e 25%, em urbanas. Atualmente essa porcentagem aumentou. Já chega a 80% de população urbana. Conseqüentemente toda essa população passa misérias e intranquilidade social mesmo com a bolsa família. Com isso, passamos a ter

uma cultura popular mais voltada para os problemas urbanos de cunho sociais, políticos com reivindicações agressivas, críticas.

Por outro lado, essas novas populações que ocupam as periferias das grandes cidades dos países, de Norte a Sul provavelmente tem mais contato com os meios de comunicação social. Estes porque vão buscar mais elementos antes exclusivos da comunicação popular, e os englobam no uso da sua programação. Assim percebe entrelaçamento cada vez mais estreito entre cultura de massa e popular.

O Cordel é considerado um dos elementos de maior comunicabilidade dos meios populares. Luis Beltrão nos anos 1960 definiu como: Parte da folkcomunicação, isto é, sistemas de comunicação por meio dos fenômenos folclóricos. Hoje em dia as pessoas parecem estar mais interessadas em saber como um sistema de comunicação utiliza o outro, na medida em que é impossível um indivíduo se manter isolado da indústria cultural.

A literatura de Cordel, no sentido mais tradicional, se refere apenas aos contatos do homem do povo com o seu semelhante, mas em uma progressão mais ampla, recente, pode influir a mídia. Assim, com esse sentido a literatura de Cordel renasce de verdade no Brasil. Esta é a maior do mundo, por sinal, em números de poetas e obras publicadas como as de cunho sociais. Hoje o Cordel é um recurso pedagógico educativo, criativo, transformador na construção de conhecimento, Paulo Freire, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e outros educadores conheciam o cordel e por ele foram influenciados em seus métodos e no pensamento educativo cultural.

A compreensão freireana de cultura anuncia que somente o ser humano é capaz de criar cultura: *“Na medida em que o homem, integrando-se nas suas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que se lhe apresentam, cria cultura”* (FREIRE, 1980 p.38).

Segundo PERRENOUD ( 2010 p. 56 ) afirma que há uma grande distância cultural na relação pedagógica. Entre professores e alunos, comunicação, a cumplicidade, a estima mútua dependem muito de gostos e valores comuns, em ambientes aparentemente estranhos ao programa. A escola não é só feita de saberes intelectuais a serem exigidos e ensinados, pois também é um lugar o qual se respeita cultura, espaço fechado, objetos comuns ordena, o material, toma a palavra no momento certo e adequado.

Na interação do cotidiano a escola é elitista, embora em algumas vezes não seja essa sua intenção, mas a cultura de elite que compartilham os gostos e desgostos dos que têm educação, os valores e preconceitos, principalmente no que se refere a cultura de massa.

Há um século era possível identificar uma cultura camponesa, a uma cultura dos pequenos artesãos, porém hoje, a cultura de massa se misturou embora ela tenha pouca relação com as culturas populares tradicionais. Ela e a cultura dos meios de comunicação de massa, dos programas de televisão assistido pelo grande público dos jornais populares e outros. Produtos das indústrias culturais, participam do consumo, privilegia o lazer e a diversão, espetáculos, a imagem e outros. Alguns estudiosos afirmam que a cultura de massa hoje substituiu a cultura popular.

A verdade é que a cultura popular ficou limitada à vida cotidiana, à família, as arquibancada do estádio de futebol das grandes multidões, das conversas em bares e outros mais. A cultura popular então seria uma condição comum como: referente a pobreza, solidão nas grandes cidades, confrontos com imigrantes, insegurança etc. Não se pode deixar de ressaltar que há tempo que a elite vem buscando a cultura do povo através de rituais, festas populares, artes, música e literatura populares.

### **1.3 A Comunicação Popular**

Entre as expressões de cunho popular, as que mais interesse oferece são as de aspectos comunicativos. E entre estas, a poesia tem ocupado lugar de destaque, pelo motivo de sua força de expressão e dinamicidade.

Mas não é a única forma, pois existem outras como: anedotas, lendas, contos que se apresentam em forma de prosa. Tais modalidades geralmente iniciam com a expressão: Era uma vez. Quase todos os contos infantis fazem parte do folclore de países europeus. Joãozinho e Maria é um conto de origem alemã.

No Brasil, a poesia narrativa popular supera em relação a prosa. Essa poesia é conhecida como literatura de cordel. Esse nome porque havia o costume, na Espanha e Portugal, de se colocar os livretos barbantes. Os cordéis eram estendidos em barbantes em lugares públicos e feiras livres. Existem outros tipos de nomes dados a essa expressão popular, entretanto o termo literatura de cordel é consagrado, porque ninguém que tem conhecimento à poesia popular desconhece.

Muitos acreditam que a literatura de cordel e poesia popular são manifestações poéticas nordestinas.

Há poesia popular em todo Brasil e em toda a América Latina. A Literatura de cordel compreende a parte impressa e, como tal, representa menos que um 1% da poesia feita no nível popular, pois o restante é apenas cantado por trovadores, violeiros, cantadores.

No final do século XIX havia poesia popular regulamente manifestada em todos os países. Uma maior parte da população era rural e, devido às distâncias, o entrosamento era muito pequeno, ainda mais que nessa época se tendo em vista já os sistemas de comunicação em massa de em nossos dias. As diferenças entre as expressões regionais eram muito grande, e o das poesias também. O Padrão linguística da elite brasileira na época era o de Coimbra ou Lisboa, e o povo se expressava como bem podia.

Durante o segundo império houve acontecimentos que modificaram boa parte da cultura popular no Brasil e, também a poesia. Um dos principais foi a imigração europeia para o sul dos países que conseqüentemente introduziu muitos moldes diferentes em relação aos que já existem no local. Outro foi a grande imigração Nordestina para a Amazônia devido ao Ciclo da Borracha.

Isso contribuiu para que todos os rios que correm pela bacia amazônica hoje tem habitantes Nordestinos e descendentes que assim contribuem para os termos de expressão poética regional nordestina em toda essa região.

Ainda hoje existem alguns lugares fechados de poesia popular fora do Nordeste; um deles é o antigo caminho dos bandeirantes de via vale do Tiete, São Paulo, até as regiões de Goiás Velho e Cuiabá. Esses lugares incluem Itu, Sorocaba e outros que são centros de cultura caipira, onde também se modalidades de cultura popular como, por exemplo, o batuque, cana-verde e o cururu que é a mais conhecida que tem contínuos desafios com uma marca de tempo para cada cantador. Existe uma determinação antecipada de tema e rima, antes de se iniciar o debate poético.

Há um grande reduto poético popular também no Rio Grande do Sul, principalmente na região da fronteira. Nesta região as poesias se apresentam em forma de trova (estrofes de quatro versos, sendo cada um com sete sílabas). Essas produções são orais, mas há muitos poetas sendo divulgados por meios de comunicação coletiva regulamente divulgadas impressas e rádios locais da região.

Em outras regiões do Brasil se tem um grande avanço da poesia nordestina devido à ida de migrantes para Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília que contribuíram para que a cultura nordestina caminhasse para se torna sinônimo da cultura popular brasileira. Em São Paulo hoje existe aproximadamente quase seis milhões de Nordestino e descendente. A poesia popular tem grande isto que é o hábito de imprimir seus poemas de uma forma mais representativa. Dessa forma a Literatura de Cordel é representada como símbolo em todo mundo, da cultura popular do povo brasileiro. A sextilha nordestina é formada de estrofes de seis versos e sete sílabas. A literatura de Cordel é uma das maiores

expressões poética de toda a nossa historia que hoje pode ser explorada como recurso pedagógico de qualquer área de ensino e tem sido usada como fonte de pesquisa de vários estudos.

#### A Importância do Uso do Cordel em Sala de Aulas

Hoje no Brasil e no mundo contemporâneo é cada vez crescente o número de pesquisadores e principalmente educadores preocupados e interessados na interação e discussão sobre os alunos com deficiências no ensino regular. Nessas ultimas décadas autores como Cardoso (1992) Mantoan , (1998) Glat (1998),Mendes(1994), Carmo (2001) entre outros tem discutido o referente tema em suas obras..

Segundo Ribeiro e Baumel (2011.p.123) o conceito de integração escolar vem sendo por muitos considerados ultrapassados. Hoje esse conceito que era só discurso é política nacional( Brasil;1994 Ferreira e Nunes,1997. Corde, 1994) Resalta as autoras que a proposta mais moderna em países dito do primeiro mundo e que esta sendo trazida para o Brasil segundo Glat ( 1998) é a da escola inclusiva ou seja o chamado movimento pala inclusão total.

Resalta as autoras que essa discussão envolve questões como a que se refere a diferentes concepções de deficiências e com ela, todo o problema de avaliação diagnostica e prognostica. Segundo as autoras hoje a situação do atendimento as necessidades escolares é cunhada pelo paradigma vigente de atendimento especializado e segregativo, extremamente forte enraizado no ideário das instituições e na pratica dos profissionais que atuam no ensino Especial. Resaltam também as autoras que autores como Glat (1995,1997, 1998) Goffredo (1992),Mazzotta (1994) e outros apontam o fato de que na pratica, a política de integração escolar não funciona, porque, dentre outros fatores, o professor da classe regular no especial não esta preparado para receber o aluno especial. Desta forma o educador precisa se capacitar e analisar a sua pratica educativa para que esses alunos realmente Tenham uma escola inclusiva.

Segundo Glat (1998) a inclusão total pode ser considerada uma utopia,que como toda utopia,tem,tem o” seu valor simbólico e um investimento afetivo que deve ser alimentado”. Para a autora, a sociedade inclusiva “ é a utopia de um mundo perfeito”, semelhante, segundo ela, a utopia do socialismo: “ D e cada um, de acordo com suas possibilidades, para cada um de acordo com suas necessidades” A autora neste discurso

chama a atenção dos dirigentes da educação, principalmente estadual e municipal que são os responsáveis pela ação direta sobre o sistema escolar, para “que tenham muito cuidado com as mudanças estruturais radicais baseadas em teorias e propostas ideológicas e com a importação de experiências casuísticas e modelos oriundos diferentes da realidade da nosso país.

Entretanto, Mantoan ( 1987,1988, 1991, 1995) defende a ideia que a inclusão total ,de forma ilimitada para todos. O autor argumenta que: È preciso respeitar os educandos em sua individualidade para não condenar uma parte deles ao fracasso e das categorias especiais de ensino. Ainda assim, é ousado para muitos\_, ou melhor, para a maioria das pessoas \_ a ideia de que nos, os

humanos, somos seres únicos, singulares, e de que é injusto e inadequado sermos categorizados a qualquer pretexto”. Mantoan (1995) afirma:

O. Aprimoramento da qualidade do ensino regular e a doação de princípios educacionais validos para todos os alunos resultarão naturalmente na inclusão escolar dos portadores de deficiência. Em consequência, a educação Especial adquirira uma nova significação. Torna\_ se a uma modalidade de ensino destinada não apenas a um grupo exclusivo de alunos\_ os de portadores de deficiência \_\_, mas uma modalidade de ensino especializada no aluno e dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de novas maneiras de se ensinar, adequadas à heterogeneidade dos aprendizes e compatíveis com os ideais democráticos.

Diante de toda essa discussão é preciso repensar uma nova visão de modelo de currículo , de escola, de capacitação de educadores para se pensar no conceito de igualdade, integração escolar, inclusão para que realmente esses conceitos sejam aplicados e faça valer de verdade na educação inclusiva.

A Inclusão não é uma missão impossível e sim um desafio que depende de uma questão de pensar e querer, já educação é um espaço que requer interação de saberes múltiplos e articulador das experiências do individuo, então o uso do cordel em salas de aula com alunos regulares e alunos com necessidades especiais TDH é como um espolio do imaginário popular que pode intervir de forma inestimável na construção das identidades locais e nas tradições literárias regionais. Os cordéis constroem historias, saberes e educam na simplicidade ser do poeta ,mas com a dinâmica e a riqueza que a

cultura popular revela . décadas segundo autores como Cardoso (1992) Mantoan , ( ( 2001) o conceito de integração vem sendo por muitos considerado ultrapassado

Representante da cultura brasileira, continuamente a literatura de cordel tem o seu espaço negado e/ou negligenciado como gênero literário produzido no Brasil. Apesar disso, mantém-se atuante e atual através do empenho de escritores que veem nela o lugar para expor sua poesia e assim retratar a realidade que os cerca.

Apesar de ter o seu fim anunciado desde 1880 (SANTOS, 2006, p. 100) afirma que o Cordel tem desenvolvido estratégias para lidar com as novas demandas da sociedade incorporar na construção assuntos provenientes da atualidade, mas mantém características que o distinguem das demais produções literárias brasileiras.

Sua forma destaca-se atualmente pela predominância de sextilhas<sup>1</sup>, embora tenha sido elaborada inicialmente a partir de quadras<sup>2</sup>. Seus versos são denominados linhas ou pés e, em conjunto, são denominados versos, ao contrário da poesia convencional, visto que nesta a unidade é denominada verso enquanto a reunião é chamada de estrofe. As sextilhas são versos formados por seis pés heptassílabos. As quadras são versos formados por quatro pés heptassílabos. A expressão *pé quebrado* é utilizada quando o pé apresenta problemas métricos.

Segundo GALVÃO (2001, p. 34) afirma que a Literatura de Cordel faz parte do romanceiro popular do Nordeste e teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi nessa região, local de menor letramento e de acesso mais difícil à imprensa, que o Cordel, essas narrativas em versos impressas em papel simples e penduradas num barbante, conhecido como cordel, encontrou terreno mais fértil para se propagar.

Pelo fato de esse tipo de literatura ser carregado de toda uma expressividade e historicidade relacionada à cultura popular, sentimos a necessidade de contemplá-la não só em sua expressão literária, mas também como prática sócio-discursiva, principalmente na sala de aula, por ser esse um local de ampla construção do conhecimento.

Segundo Bakhtin (2000, p.67 ) relata que:

*Seja qual for a esfera da atividade humana, ela estará sempre relacionada à utilização da língua e essa será efetuada sob a forma de enunciados, orais ou escritos, que irão refletir as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas*

*esferas. O todo do enunciado será a fusão de três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional.*

Partindo desse pensamento, o autor nos propõe o conceito de gêneros do discurso.

Segundo BAKHTIM (2000, p.279) afirma que qualquer enunciado consideradamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. Como a capacidade de variação da atividade humana é muito grande, os gêneros do discurso se apresentam com uma riqueza e variedade inesgotáveis, manifestando toda a sua heterogeneidade. Apesar disso, o autor faz uma distinção para separar os gêneros primários e os secundários.

Ainda, segundo BAKHTIM (2000, p.281) afirma que:

*Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso: o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. Aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sócio-política. Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal.*

---

Vale lembrar que, quando os gêneros primários se tornam componentes dos gêneros secundários, passam por uma transformação e adquirem uma característica particular: rompe-se sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. Além disso, não se pode deixar de observar que alguns gêneros possuem maior facilidade de refletir a individualidade da língua, enquanto outros, por possuírem formato padronizado, não permitem isso. No primeiro caso, podemos citar como exemplo os gêneros literários.

Segundo ROJO (2006, p 78) afirma que a literatura recorre às camadas correspondentes da literatura popular para atender às suas necessidades, ela faz uso obrigatoriamente dos gêneros do discurso através dos quais essas camadas se atualizarem. Esse discurso nos leva a refletir e concluir que o e o erudito e o popular possuem uma relação de mão dupla,



isto é, um sempre toma conhecimento do outro. Assim amplia a capacidade de leitura da Literatura de Cordel, pois aumenta as possibilidades de exploração do estilo e da estética desse tipo de produção artística. No campo educacional, o cordel é uma experiência humana dos sujeitos aprendentes, visto que o vínculo com a cultura e a educação é muito estreito.

Tendo em vista o pensamento de GUINZBURG (198, p.89) afirma que:

Os saberes científicos são aqueles relativos à cultura humanística tem circularidade. Neste ponto pode se dizer que o saber popular do qual o cordel tem origem pode circular no universo escolar, produzindo conhecimentos que lhe são possível o dialogo entre o saber popular e o conhecimento científico.

### **As Relações entre os aspectos orais e escritos**

A chegada desenvolvimento dos estudos linguísticos, contribuiu para que a linguagem passasse a ser concebida como atividade de natureza social, com pretensões comunicativas. Isto é, ela passa a ser concebida como recurso de interação social. Neste contexto, a língua está intimamente associada à atividade social em constante uso comunicativo, o que nos possibilita considerar aspectos que vão além da estrutura do sistema linguístico.

Assim essa nova concepção de linguagem provocou diversas alterações na metodologia de ensino da língua. Sendo assim, a Linguística, por intermédio de suas inúmeras teorias, dentre as quais destacamos a Funcionalista, a Enunciativa, a Pragmática e a Análise do Discurso, contribuiu substancialmente para novas abordagens didáticas. Nas últimas décadas, ocorreram mudanças significativas nos paradigmas norteadores das práticas didático \_ pedagógicas do ensino de Língua Portuguesa e, por conseguinte, uma mudança no enfoque dado aos seus mais diversos conteúdos. Diante desse pressuposto, o uso da língua passa a ser estudado com base em textos e discursos, que ocorrem em situações comunicativas do dia a dia, por meio dos mais diversos gêneros.

Segundo SANTOS (2002,p.30) afirma que tal mudança foi de fundamental importância para a metodologia de ensino de Língua Portuguesa. Nesta perspectiva, a língua é entendida enquanto produto da atividade constitutiva da linguagem, ou seja, ela se

constitui na própria interação entre os indivíduos. Passou-se, assim, a prescrever que a aprendizagem da leitura e da escrita deveria ocorrer em condições concretas de produção textual. Desloca-se o eixo do ensino voltado para a memorização de regras da gramática de prestígio e nomenclaturas.

A partir de tais estudos, a língua passa a ser concebida como prática social e a concepção de linguagem como atividade interativa interferiu diretamente nos objetivos do ensino e, por conseguinte, nas práticas didático-pedagógicas. Tal concepção propiciou a percepção das mais variadas formas da linguagem. É nesse contexto que surgem as linguagens alternativas, como a Literatura de Cordel. Trabalhar sua diversidade possibilita levar os alunos a compreenderem a função social que ela ocupa em nossa vida cotidiana, o que muitas vezes não é percebido.

Outro aspecto que evidencia a relevância de discutirmos a questão das linguagens alternativas é o fato de percebermos o quanto a interdisciplinaridade está presente nas inúmeras formas da linguagem, na medida em que elas condensam saberes das mais diversas áreas do conhecimento. Mas, acima de tudo, destacamos o fato de a discussão acerca da utilização das linguagens alternativas no ensino nos possibilita a percepção da ISSN 1983-828X - Revista Encontros de Vista 5ª edição página 70 aprendizagem como uma atividade social que provém de trocas dialógicas.

Essa perspectiva retrata o caráter da linguagem como instrumento de interação social, com propósitos comunicativos atrelados às condições sócio-históricas do sujeito. Contudo, nem sempre o conceito de linguagem esteve definido. Desde o início do século passado, os estudos sobre a linguagem estão em constante processo de mudança. Tais estudos adotaram uma determinada orientação, vinculada a que tipo de sujeito concebia.

Dentre essas concepções de linguagem, TRAVAGLIA (2000, p.74) destaca três: primeiramente, a concepção de linguagem como expressão e representação do pensamento: tal concepção também é conhecida como mentalista, pelo fato de desconsiderar fatores sócio-históricos; nela, o indivíduo é concebido como senhor de suas ações e, conseqüentemente, o texto é percebido como um produto do pensamento.

Segundo SOARES (1998, p. 70) afirma que diante desse quadro, percebemos haver uma grande ênfase à gramática, uma vez que se acreditava que, quanto mais ela fosse estudada, melhor o aluno produziria textos. Por essa razão, o ensino de Língua Portuguesa ocorria em função do reconhecimento das normas/regras, o que constituía o dialeto de prestígio, ou seja, só se considerava a existência da língua padrão.

No que tange a segunda concepção, a linguagem era concebida como instrumento de comunicação. Tal concepção também é conhecida como comunicacional. Nessa concepção, o indivíduo é percebido como determinado pelo sistema. Além disso, tal concepção percebe a língua como código que transmite uma mensagem de um emissor para um receptor. Percebemos que, com base nessa concepção, o texto é considerado produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo ouvinte, o que requer que ambos tenham conhecimento do código utilizado na situação comunicativa.

Outro aspecto que TRAVAGLIA (2000, p. 94) destaca é o fato de tal concepção relacionar-se aos postulados de Saussure. No que diz respeito à terceira concepção, a linguagem era percebida como instrumento e recurso de interação. Tal concepção também é conhecida como interacionista e, nela, o indivíduo é concebido como ator e, sobretudo, como construtor social.

Segundo (BRANDÃO, 1996, p.11) afirma que a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social.

Nesse contexto, a linguagem passa a ser concebida como meio de interação, como forma de ação diretamente relacionada aos propósitos comunicativos e, sobretudo, atrelada aos aspectos sócio-históricos. Toda metodologia de ensino está diretamente vinculada a uma teoria subjacente, ou seja, as práticas a serem desenvolvidas na escola são orientadas por uma teoria. No que diz respeito às práticas pedagógicas de ensino de Língua Portuguesa, elas têm como base as concepções de língua e de linguagem.

Dessa maneira, nenhuma metodologia de ensino surge do acaso. Pelo contrário, consciente ou inconscientemente, utilizamos alguma base de fundamentação teórica, a fim de amparar nossas práticas de ensino. Diante dessa aceção, com as práticas de leitura também acontece o mesmo. Isto é, as práticas de leitura desenvolvidas no contexto educacional são fundamentadas em pressupostos teóricos subjacentes a elas.

Conforme KATO (1987, p.62) aborda duas concepções de leitura, ou melhor, de processamento de informação. O primeiro refere-se ao *bottom up*, que tem como base a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, está, predominantemente, centrado na concepção estruturalista, que “vê ainda a leitura como um processo instantâneo de decodificação de ISSN 1983-828X | Revista Encontros de Vista, 5ª edição página 71 letras em sons, e a associação destes com o significado.

Nessa concepção, é atribuído ao texto o papel de único portador de sentido, enquanto o leitor será apenas o decodificador. O segundo procedimento que a autora retrata é o *top down*, que se fundamenta na concepção de linguagem como instrumento e recurso de

interação. Nela, a linguagem é concebida como ação. Por esse motivo, os indivíduos são percebidos como atores sociais e, nessa perspectiva, são sujeitos ativos. Durante décadas, o ensino de Língua Portuguesa em nossas escolas esteve pautado no ensino da gramática normativa. Essa postura também esteve refletida nos manuais didáticos e, acima de tudo, na ação docente.

Segundo GERALDI (1997, p.121) afirma que nos últimos anos, identificamos uma mudança significativa na metodologia de ensino de Língua Portuguesa, ocasionada pela mudança na concepção de língua.

O desenvolvimento de diversos estudos linguísticos propiciou o surgimento de novas concepções de língua e de linguagem ao longo do tempo, o que influenciou diretamente na prática didático-pedagógica de ensino de Língua Portuguesa. O que não poderíamos deixar de destacar é o fato de que tais mudanças têm sido adotadas por diversos livros didáticos e, em muitos casos, pela ação docente. Percebemos a evolução histórica na metodologia do ensino, resultante das concepções de língua e de linguagem terem mudado em função do desenvolvimento dos estudos linguísticos.

## **A EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Define-se como inclusão a adaptação e transformação da sociedade para que portadores de necessidade especiais tenha suas necessidades e diferenças respeitadas, proporcionando a todos oportunidades inclusivas estando os portadores amparados por lei, Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994)- tem papel chave na implementação de políticas públicas/ações para assegurar os direitos à educação das pessoas com deficiência.

O dicionário da língua portuguesa define a palavra inclusão da seguinte forma: “ato ou efeito de incluir “ ( HOUAISS 2001) a partir dessa definição, reafirmando o direito e igualdade a todos os alunos em turmas comum do ensino regular, amparados pelos parâmetros legais em relação a inclusão de necessidade especial TDAH no ensino da linguagem.

O déficit de atenção TDAH não se refere a mesma coisa referente a problema de aprendizagem. O TDAH é uma dificuldade com controle das funções executivas da atenção e auto regulação que geralmente afeta a capacidade de aprendizagem do individuo . Essa aprendizagem no contexto escolar fica comprometida, isto porque provavelmente depende de atenção ,entretanto não

Porque tal distração significa dificuldade em aprender determinado assunto.

A educação de alunos com necessidades educacionais especiais é um trabalho multidisciplinar que provavelmente requer especialistas de diversas áreas atuando com a escola,pois a aprendizagem transcende o campo escolar,porque os mesmos mecanismos que estão presentes quando o individuo aprende em sala de aula estão presente no cotidiano . Nessa perspectiva cabe ao educador educar o sujeito para a vida e não somente para avaliações .Segundo Eugenio ( 2011 p. 14)” o professor, acima de tudo,é um partejador de sonhos e não um mero transmissor de conhecimentos.” Assim

uma boa relação entre professor, aluno e conhecimento é provável encontrar em ambos saberes significativos, favoráveis para contribuição de uma educação inclusiva onde todos possam dizer sua palavra ou palavra em comum e dialogarem com elas. A leitura de mundo e do cotidiano através do recurso do Cordel para o ensino da morfologia(processo de formação da palavra ) para salas de alunos de classes regular com alunos de necessidades especiais TDH é um desafio, mas interação, e a leitura de mundo do educando , são as principais chaves de ideias que pode contribuir para uma boa educação.

Para se ter uma boa compreensão da escola do século XXI, é preciso lançar um olhar sobre a historia. Vemos que a pedagogia remota ao mundo antigo,pois là sugiram os primeiros sinais de Educação Inclusiva, ainda que esses mais tarde fossem ofuscados pela organização econômica que se incorporou ao sistema social. Os romanos conseguiram universalizar a sua humanitas por meio do Cristianismo.

Segundo Gadotti ( 2005) diz que Cristo, do ponto de vista pedagógico, foi um grande educador,popular e bem sucedido.”Seus ensinamentos ligavam\_se essencialmente à vida.”A pedagogia de Jesus era concreta.Suas palavras adivinham do “Calor dos fatos” motivadas por suas numerosas andanças pela Palestina.

È notório o que afirma Gadotti, já que foi Jesus o primeiro a incluir no mesmo status social a criança, o cego, a mulher, o deficientes físico e os que estavam à margem da sociedade, integrando romanos, judeus e bárbaros, antecipando-se a movimentos que só surgiram a partir do século XX. Neste ,estavam os primeiros sinais da Educação Inclusiva.

Assim o tempo passou, o pensamento pedagógico percorreu o período medieval, o iluminismo, a revolução industrial que foi onde a sociedade burguesa consolidou a escola como uma instituição que foi delineada mais para homogeneizar as diferenças e menos para permitir o pluralismo. Diante dessa concepção que se misturou a história também teve a escola pensada como uma fábrica. Nessa época se tinha uma sociedade que se estabelecia pela influência do positivismo. Assim a organização fabril servia como modelo. A estabilização do sistema capitalista no século XIX ditou os parâmetros para uma formação de uma educação puramente elitizada, a base de regras, punição e vigilância .

Hoje se tem um consenso de que a escola é um espaço privilegiado onde se constroem conhecimento com o compromisso com a cidadania com o objetivo de que realmente a educação seja para todos.

### *O DEFICIENTE NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MEDIA*

Segundo Gurgel (2010), no Egito Antigo, evidências arqueológicas mostram que as pessoas com deficiência ocupavam seu lugar na sociedade e desenvolviam suas atividades juntamente com os outros. Entretanto, na Antiguidade Clássica, as pessoas com deficiência não recebiam qualquer tipo de atendimento, pois os mesmos eram negligenciados e condenados ao abandono.

Já na Grécia Antiga, conforme relata Giles, citado por Emmel (2002), havia o ideal do adulto saudável e forte; Segundo o autor (2002, p.141) “Essa preocupação visava à atuação militar, à defesa da pátria, ao êxito nos jogos, à boa prática das ciências (matemática, astrologia etc.), à representação estética da beleza e à manutenção da saúde” Segundo Pessotti (1989) as crianças com deficiências físicas ou mentais nascidas em Esparta eram eliminadas ou abandonadas já que eram consideradas subumanas. Antes mesmo de chegar aos cuidados dos familiares essas crianças passavam por uma inspeção do

Estado para Verificar se elas eram sadias e fortes. A considerada doente, deficiente era abandonada e morriam. Em Antenas era o mesmo processo.

Na Roma Antiga, os bebês do sexo feminino ou com alguma deficiência eram colocados aos pés do pai para que ele tomasse a decisão se a criança continuaria viva.

Na Idade Média segundo Emmel (2002) esse quadro de abandono das pessoas com deficiência se modificou devido à propagação da doutrina cristã

que persistia em dizer à população que o pensamento de que o homem era u de uma criatura divina, portanto, todos deveriam ser aceitos e amado como tal. Desta forma, a morte de crianças não desejada pelos pais passou a ser condenada.

Nesta época houve a fundação do primeiro hospital para indivíduos cegos. Essa instituição foi fundada em Paris pelo rei Luis IX por voltar de 1260 com o objetivo de atender soldados que haviam ficado cegos durante a sétima cruzada. ““““ ““““ O nome dado para o hospital foi Quinze\_ Vingt, o que significa” 15 vezes 20”, ou seja, “300 soldados cegos (Gurgel, 2010).

Possetti (1984) exemplificou a influência do cristianismo com o bispo de Myra, que no século IV acolhia e alimentava crianças com deficiências que estavam abandonadas. Na era cristã as pessoas com deficiências eram alvo de caridade e eram acolhidas em conventos ou igrejas, nas quais possivelmente em troca de pequenos serviços, ganhavam a sobrevivência. Ainda dando continuidade a Possetti (1984) o mesmo destaca que por se por um lado, com o cristianismo a pessoa com deficiência deixou de ser abandonada e passou a receber abrigo e alimentação nos asilos e conventos, por outro, exigências éticas e religiosas passaram a ser culpadas pela própria deficiência, que era entendida, na época medieval, como um castigo de Deus pelos pecados cometidos. Segundo Possetti (1984, p. 6) “Muitos chegaram a admitir que o deficiente seja possuído pelo demônio, o que torna aconselhável o exorcismo com flagelações para expulsa\_ lós”.

Esse passado acabou, pois hoje se tem a inserção de alunos com necessidades educacionais especiais em salas regulares do ensino fundamental e médio e superior, pois os mesmos são aparados por lei escrita em documento internacional juntamente com o Brasil já mencionado o nome acima. No conteúdo do texto deste documento contém uma série de pautas para mudanças necessárias no que diz respeito a educação inclusiva

as quais incluem : espaço físico , materiais para uso em sala de aula, formação inicial e continuada para profissionais da educação, praticas pedagógicas.

Embora exista esse documento, mas o que se ver em algumas escolas são gestores que cumprem ordens dos seus superiores, mas em muitas vezes não

Concordando faz matriculas de todos que solicitam acreditando os gestores que estão fazendo a “inclusão”. Neste cenário estão também os educadores que sem preparo algum não sabe se realmente esta fazendo a inclusão ou exclusão do educando. Diante desta realidade vão empurrando o barco fingindo em esta fazendo a inclusão.

Werneck (1999, p. 57) explica que :” pessoas subformadas pensam ter dados sobre determinado assunto e em nome desse deslize ideológico entortam discussões esvaziam propostas,cansam plateias, adiam revoluções. Segundo Rodrigues ( 2010, P.86 ) “ A construção de uma escola inclusiva requer tempo para que as mudanças ocorram, as transformações são gradativas e algumas podem demorar mais que outra para serem feitos”

## **O ESTUDO DA MORFOLOGIA**

Na proposta de um estudo científico seja referente a qualquer temática, faz-se necessário informar ao leitor sobre alguns conceitos que provavelmente estão relacionados com a temática em discussão que se pretende aqui apresentar. Partindo deste sentido, é viável mesmo de forma introdutória neste artigo faz-se necessariamente argumentar sobre alguns conceitos mencionados por linguísticos dedicados aos estudos da morfologia, e algumas noções referentes as abordagens dos estudos morfológicos. Como por exemplo o que é morfologia, o que dizem as grandes escolas que analisaram os componentes morfológicos entre outros.

Da-se o nome morfologia ao estudo que se dedica a compreender a estrutura interna das palavras que compõe uma determinada língua .Nesse conceito a palavra morfologia pode ser entendida como estudo da forma das palavra já que o termo etimológico desta palavra provem das forma gregas. Esse conceito pode se dizer que antecede ao assunto ou é pouco esclarecido, isto porque tantos os conceitos de forma e de palavra ainda não são totalmente esclarecidos pelos estudiosos da língua que se dedicam a e compreende-lós.

Na concepção de Rosa ( 2000 ,p.15 \_ 16): “ O termo, termo forma, em sentido amplo, pode ser entendido como sinônimo de plano de expressão,



em oposição a plano de conteúdo. Compreendendo, assim, dois níveis de

realização: os sons em oposição a plano de conteúdo. Compreendendo, assim, dois níveis de realização: os sons, destituídos de significado, mas que se combinam e formam unidades com significado; e as destituídos de significado, mas que se combinam e formam unidades com significado; e as palavras, que têm regras próprias de combinação para a composição de unidades maiores”.

De acordo com a autora, a palavra não precisa ser interpretada, necessariamente, como a unidade fundamental para representar a correlação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. fundamental para representar a correlação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. Desta maneira o papel pode ser atribuído ao morfema. Nesse sentido, a unidade básica dos estudos morfológicos seria, então, o morfema e não a palavra.

Ainda dando continuidade as argumentações de Rosa (2000)., “a diferença no tocante à unidade em que se centra o estudo morfológico \_ o morfema ou palavra redonda também de maneiras diferentes de focalizar a morfologia”. De modo geral, e para alguns, talvez simplista, a autora afirma que a noção de morfema está relacionada com o estudo das técnicas de segmentação de palavras em suas unidade constitutivas mínimas, ao passo que os estudos que privilegiam a noção de palavra preocupam-se com o “modo pelo qual a estrutura das palavras reflete suas relações com outras palavras em construções maiores, como a sentença, e com o vocabulário total da língua” (ANDERSON, 1992 apud, ROSA, 2000, p. 16).

Desta forma as abordagens a serem adotadas pelo estudioso sobre os aspectos morfológicos de uma determinada língua dependerão do que e como se pretende discutir em uma análise linguística. Ou seja, o ângulo priorizado dependerá do caminho percorrido e dos resultados que se procura atingir.

Da mesma forma, amplos e complexos também são conceitos de palavra e morfema.

Em diversos e muitas vezes ,são contraditórios os posicionamentos dos teóricos diante tais conceitos. Como normalmente acontece com diversos objetos da ciência. O que, do ponto de vista científico, pode ser bastante produtivo, pois a controvérsia teórica e os questionamentos despertam interesses de estudo e impulsionam as pesquisas, gerando conhecimentos.

Mas na concepção de Jensen (1990, p. 01),

Para o autor o objetivo maior da Morfologia é o de construir uma teoria em que fosse possível descrever a estrutura da palavra de todas as línguas do mundo. Isso seria uma tarefa grandiosa, porque as estruturas morfológicas de qualquer língua são bastante complexas, porém, provavelmente, passíveis de descrição.

Nos trabalhos dos gramáticos como: Bechara, (1972 ) Cunha, e Cintra(1985), Cegala ( 19975) entre outros verifica-se que ambos dedicam um capítulo especialmente aos estudos da morfologia, mas ambos tomam como base a gramática normativa, mas o intuito deste artigo é com base na gramática gerativa; no entanto não deixaremos de fazer uma breve análise das grandes escolas que procuraram descrever e analisar o componente morfológico das línguas: o descritivismo , o historicismo , o estruturalismo e o gerativismo para entendermos melhor o processo de formação de palavras na fala e na escrita do indivíduo.

Na linguística geral ou seja o estudo científico da linguagem, a morfologia obteve os seus dias de glória,mas também de abandono. A morfologia foi o centro de atenção na preocupação da gramática estrutural, que alcançou um progresso grande nos olhares de estudiosos, mas já na linguística gerativa\_ tradicional, percebe-se que a morfologia ficou escondida, desamparada.

“Segundo Aronoff (1979, p. 4) argumenta que:” havia uma boa razão ideológica para isso : como o seu zelo, a linguística pós \_ Sintático Structures viu fonologia e sintaxe por toda a parte resultando daí que a morfologia ficou perdida em algum lugar” .Esse posicionamento de Aronoff pode ser comprovado por intermédio de trabalhos de autores que discutem essa ideia como Bauer ( 1983,p.7 ) “ No momento, o estudo da formação de palavras está sujeito a alterações frequentes. “Não há um corpo palavra doutrina pacificamente aceita nesse campo, de tal forma que os pesquisadores estão sendo obrigado a estabelecer a sua própria teoria e procedimento à medida que caminham”. Assim esse artigo “A literatura de cordel: um recurso pedagógico para inclusão e para construção do conhecimento no ensino da morfologia (Processo de formação das palavras) vem defendendo a ideia de Rocha (2008) que: “A morfologia é um ramo autônomo da linguística, com suas regras específicas, não coincidentes as regras da fonologia, da sintaxe, da semântica ou do discurso.”

## *AS ESCOLAS QUE PROCURARAM ANALISAR E DESCREVER OS COMPONENTES MORFOLOGICO DA LÍNGUA .*

### *DESCRITIVISMO*

Os gramáticos filósofos gregos preocupados com a questão da regularidade e irregularidade da em linguagem decidiram fixar paradigmas ,como as declinações. Tal modelo de estudo da morfologia com o decorrer do tempo passou a ser chamado de “Elemento e Paradigma” que se preocupava com a descrição e fixação de paradigmas. Assim por essa razão pode ser chamada de descritiva.tendo como base na filosofia ou se referindo especialmente na lógica a gramática grega apresentou estudos de fonética como a classificação dos sons da língua grega e descrição do acento a partir do vocabulário e da oração ( O nome como sujeito e o verbo como predicado) . O historicismo então introduziu o conceito dos casos nominais.

Segundo Hockett (1954 ) e Villalva (1986) argumentam que:” com relação aos modelos de estudos da língua no que se refere a questão de Elemento e Paradigma torna\_ se desnecessário dizer que a gramática latina seguiu o modelo da gramática grega”. A influencia da cultura grega\_ latina foi e continua sendo a dominadora do mundo ocidental. Assim pode \_ se supor que as gramáticas escritas nos primeiros séculos tenha tido uma grande influencia da gramática clássica. Após a idade media a gramática descritiva grega\_ latina tomou um caminho grandioso no inicio do século XVII.

Segundo Bagno (1999, p 42) afirma que: “a gramática descritiva è a que descreve e registra uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência (abordagem sincrônica ) as unidades e as categorias linguísticas existentes,os tipos de construção possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de seu uso, trabalhando com qualquer variedade da língua”.

Já na concepção de Travaglia (2001, p 32) resalta que: “é comum que às gramáticas descritivas recebam nomes ligados as correntes linguísticas, segundo as quais foram construídas.” Tais como : a gramática estrutural, a gerativa\_ transformacional , a estratificacional, a funcional e assim por diante”. No entanto, para o autor o usuário de uma língua precisa saber muito mais o que apenas as regras de construções de frases para ter competência comunicativa, muito mais do que a teoria trata do estudar dos elementos da fonologia , da fonética ,da morfologia e sintaxe.È necessário que o individuo tenha uma concepção de gramática que considere a língua como um conjunto de variedades utilizada por uma sociedade, de acordo com o exigido pela situação de interação

comunicativa na qual o usuário da língua esteja engajado ao perceber a gramática como um conjunto de regras que o falante aprendeu e das quais passa a usar. Lá ao falar e escrever.

Possenti (2002, p. 22\_ 28) fazendo uma distinção entre conceitos de gramática normativa, descritiva e internalizada defendendo a ideia que:” eliminara a ilusão de que a gramática significa uma coisa só, ou que a língua é uma estrutura uniforme”. Essa noção conforme o autor o autor é o primeiro passo para criação de um novo ensino de língua escrita. A sugestão do autor (2002, p.83) revela que: “a escola priorize o ensino de gramática partindo da língua internalizada, passando pela descritiva e que se faz necessário, findando na normativa, e assim o aluno dominara o maior numero possível de regra tornando \_ se capaz de expressar \_ se nas mais diversas circunstancias de acordo as exigências e convenções.”. Desta forma para que a escola chegue a esse objetivo è preciso que a mesma reflita que o seu papel não é o de ensinar variantes no lugar de outra, entretanto criar condições para que os alunos aprendam também as variantes que não conhecem ou com as quais não tem familiaridades, mas ai incluído, claro que é privativo de uma cultura mais elaborada.

### *HISTORICISMO*

A partir do século XIX pesquisadores chegaram à conclusão que as línguas como, por exemplo, português, espanhol, Frances e entre outras tenham vindo do latim, ou do latim vulgar. Diante dessa conclusão surge a Filologia Romântica que ao lado da Filologia Germânica iniciou uma grande força aos estudos das línguas. A Filologia por se tratar de um estudo histórico, introduziu nas pesquisas linguísticas a brigatoriedade de uma abordagem diacrônica. Assim tal postura exerceu provavelmente uma influência na concepção dos estudos gramaticais que contribuiu para o progresso da morfologia histórica dos estudos linguísticos, que impediu os pesquisadores de observações sobre o funcionamento da linguagem em uso.

### *ESTRUTURALISMO*

No inicio do século XX o pensamento ocidental foi movido por uma nova ordem juntamente com a publicação da obra de Ferdinand Saussure chamada Cuurs de Linguistique Generale publicada em 1916 (1964). O pensamento saussuriano pode ser visto nas palavras de Dosse (1993, p. 65) resumidamente quando refere\_ se a obra do

mestre Genebrino. ““““ O essencial da demonstração que consiste em fundamentar o arbitrário do signo em mostrar que a língua é um” sistema de valores” constituído não por conteúdos, ou produtos de uma vivência, mas por diferenças puras. Esse pensamento fica bem claro que considera que a língua é um “sistema de valores.” Logo pode se dizer que os morfemas, as frases, as palavras e as formas linguísticas são valores que se opõe entre si que contribuí para a formação mais variada estruturas da língua.

Embora Ferdinand Saussure seja considerado o pai do estruturalismo, mas o termo “SISTEMA de VALOTES” foi usado pela primeira vez por Jakobson. Saussure so tinha feito o uso do termo sistema o qual usou 138 vezes, mais 300 paginas do seu Cours de Linguistique Generale já mencionado por Dosse (1993, p. 66).

Assim o nascimento do Estruturalismo europeu fundado por Saussure contribuiu para o surgimento do Estruturalismo Norte \_ americano que teve como principal contribuintes os pesquisadores Edward Sapir (1921) e Leonard Bloomfield (1933) e mais outros autores.

A preocupação de Sapir era com a filosofia da linguagem, mas já Bloomfield tinha uma preocupação com a análise linguística. Em 1933 Bloomfield publica um livro chamado Language que é considerado um grande marco na evolução da linguística.

Embora o estruturalista Bloomfield tenha se preocupado com a descrição das línguas os estruturalistas não foram discriptivistas como os gregos e os latinos. Desta forma a noção de estruturalismo na verdade foi fundada para caracteriza essa escola.

Os estruturalistas ao descrever a língua, chegaram à conclusão que o conceito de morfema seria “A menor unidade significativa da palavra”. Como exemplo na palavra inacabado temos duas unidades mínimas in + acabado. Assim percebe\_ se que a morfologia se baseia \_ se exclusivamente na depressão e classificação dos morfemas como queriam os estruturalistas. Conclui \_ se que a morfologia também alcançou um progresso importante no estruturalismo. Entretanto em 1950 o “modelo “estruturalista já demonstrava sinais de fim, quando Noam Chomsky linguista norte\_ americano em 1957 lançou bases da Gramática Gerativo \_ Transformacional, com a publicação do livro Syntactic Structures.

## *GERATIVISMO*

*.O gerativismo trouxe uma nova concepção nos estudos da linguagem bem diferenciada da escola estruturalista.*

*. De acordo com a concepção de Basílio em sua obra Teoria Lexical (1987) argumenta que: A teoria gerativa transformacional nunca se preocupou muito com fenômenos morfológicos enquanto tais, neste ponto sendo semelhante aos modelos clássicos análise gramatical. Na verdade, nas primeiras fases desenvolvimento da teoria, considerou-se que não era conveniente estabelecer um componente morfológico autônomo na gramática de uma língua. Esta situação, no entanto, não persiste, e já há bastante tempo o léxico vem sendo estudado dentro da teoria gerativa transformacional. (p.19) A autora resalta também que a contribuição mais importante da teoria gerativa aos estudos da linguagem foi a mudança de perspectiva, no sentido de se ter a gramática da competência como objeto da descrição linguística. . Essa mudança de perspectiva é de fundamental importância no caso da formação de palavra*

*.A ideia boomfieldiana do estruturalismo estava comprometida com as postulações mais profundas sobre a língua A tal ideia de dizer que o estruturalismo estuda uma língua seria “descreve \_ la” foi um exagero. Diante desse conceito superficial Chomsky em 1972 rebates afirmando que: “Uma linguística não deve ser confundida com um manual de procedimentos uteis, nem se deve esperar que ela assegurasse métodos mecânicos, para a descoberta de gramáticas”. Segundo Chomsky ( 1972, p.23 ) diz que: “ A linguagem é algo muito mais profundo inerente à condição humana, relacionada com a capacidade criadora de um ser pensante.” (...) a linguagem humana é livre de controles de estímulos e não serve a uma função meramente comunicativa,mas é antes um instrumento para livre expressão do pensamento e para a resposta apropriada as novas situações;”. Essas observações se referem ao que chamam o aspecto criado do uso da linguagem.*

*Para Basílio (1980, p.7) “Na gramática tradicional, assim com no estruturalismo, a morfologia derivacional é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e a estrutura da palavra”. Então numa abordagem gerativa, pode \_ se dizer que a morfologia derivacional e a parte da gramática que da conta da competência do falante nativo léxico de sua língua.*

*Na perspectiva gerativista há uma preocupação dos linguistas em explicar a competência que o falante nativo tem com relação ao léxico de sua língua, isto é, a sua capacidade de formar novas palavras, de rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais e outros.*

*Já para Katamba (1993, p.99) resalta que: “O léxico não é uma lista de palavras e seus significados”. Não é simplesmente como um laboratório de anatomia, onde palavras já existentes são dissecadas em morfemas constituintes e examinadas num microscópio. Não, nessa teoria o léxico é muito mais do que isso. É também um lugar cheio de vitalidade em que as regras são usadas para criar novas palavras “.*

*Brasília (1980, p.42) afirma “ estabelecimento de morfemas como entidade linguística não é necessário numa abordagem gerativa da morfologia derivacional”. De acordo com a autora a condição de existência dos morfemas na perspectiva da morfologia dentro de uma abordagem gerativa, as palavras são formadas por regras e / ou analisadas por regras de modo que o estabelecimento de entidade como morfemas ou afixos, como elementos separados de regras e bases constitui uma repetição desnecessária e provavelmente indesejável .*

*Anderson (1992, p.56) resalta que: [“... os princípios que sustentam a noção estruturalista de morfema devem ser pelo menos reformulados, se não abandonados”. Ainda na concepção do autor (p.62 \_ 69) diz que:” O trata do material morfológico como relações (entre formas lexicais) ou processos (através dos quais uma forma lexical pode ser constituída a partir de outra)”. Desta forma o autor conclui que” Em vez de um léxico de afixos, a morfologia de uma língua deveria consistir em um conjunto de regras, que descreveria as modificações das formas existentes que estariam relacionadas com outras formas”. Assim tal modelo de análise linguística da morfologia ficou conhecido na literatura como “Elemento e Processo”.*

*“Mas diante da obra de Chomsky em 1965 chamadas de Aspects of the Theory of Syntax” apresentada a partir da teoria padrão da gramática gerativa constata que uma língua natural, apresenta dos tipos de estrutura que são; a superficial e a profunda.*

De acordo com o autor a estrutura profunda são as construções fixas, regulares e constantes como o sujeito + predicado, verbo transitivo, objeto direto e outros , já a estrutura superficial seria manifestações ou realizações dessa estrutura profunda.

Conforme Rocha ( 2008,p.31) afirma que: “ A estrutura profunda gera estruturas superficiais.” Ambas possibilitam manifestações profundas ou superficial. Exemplo em um, estrofe de um cordel de um determinado aluno da escola Carlos Drummond de Andrade .

Assim de acordo com Rocha 2008 os exemplos dados do cordel do aluno não esgotam todas as possibilidades de manifestação de uma estrutura profunda na estrutura superficial. A passagem da estrutura profunda para superficial através de regras de transformação.

Essas regras de transformação resalta Rocha (2008, p. 32) que: “A chamada teoria padrão, além das regras de transformação eram todas fonológicas e sintáticas.” De acordo com o autor isso explica a geração de uma palavra comum, por exemplo, a palavra transbordamento que era dado através de uma regra sintática, ma os gerativistas perceberam que certas explicitações só poderiam ser executadas se levasse em consideração a existência de um componente morfológico autônomo.

Mas Miranda (1979, p.11) resalta que: [...] ao tentar restringir o poder da sintaxe e da fonologia, os gerativistas se deram conta de que certos fenômenos que ofereciam resistência a uma descrição adequada em um desses níveis poderiam ser descritos dentro de um nível morfológico “ O artigo de Chomsky

Chamado “Remarks on Nominalization” publicado em 1970 foi que chamou a atenção para a possibilidade de independência da morfologia em fase da sintaxe. Tal artigo estabelece diferenças sintáticas, semânticas e de estruturação interna entre o gerundive nominals e derived nominals.”

Confirma Scalise ( 1984,p. 19 ) Chega a conclusão que: “ [ ...] nominais derivados não podem ser criados através de transformações a partir de um verbo na estrutura profunda e propõem em vez disso um tratamento” lexical “ para tais verbos, isto é , através de regras morfológicas que operam dentro do componente lexical”.



Com o avanço de estudos de vários pesquisadores como Aronoff 1976, Halle 1973 sobre o desenvolvimento da morfologia lexical foi o que contribuiu para obra de Margarida Brasilio em 1980 chamada de “ Estrutura lexicais do português , uma abordagem gerativa.”

Hà inúmeros tipos de gramáticas como: Normativa ou prescritiva as quais tem como objetivo em ensinar a lingua padrão, a gramatica histórica tem como objetivo estudar ou se preocupar com a evolução de uma lingua atravez dos tempos. Hà também a gramática descritiva que se preocupa em descrever as línguas , sem nenhuma intenção normativa.

Os usuários de uma determinada lingua segundo pesquisadores possuem uma linguagem internalizada, implícita, subjacente ( gramática que provavelmente desrespeita as regras sintáticas de ordem dos termos) que sabe manifestar de forma adequada,intuitiva, porem não sabe descrever ou explicitar. Então cabe a linguística gerativa explicitar essa gramática subjacente ao se tratar dos estudos da morfologia lexical.

Esse objetivo esta de acordo com a obra de Chomsky em 1968 do seu referente artigo “ A linguagem e a mente” ( Chomsky, 1970b, p35 ):

A gramática gerativa, portanto representa o conhecimento que o falante\_ ouvinte tem de sua língua. Podemos empregar o termo gramática de uma língua ambigualmente, com referencias não apenas ao conhecimento internalizado e subconsciente do falante,mas também à representação que o linguista profissional faz desse sistema de regras internalizado e intuitivo.

Diante dessa discussão Basílio (1980, p.8) em relação à competência lexical diz: “A noção de competência, isto é, o conhecimento que o falante tem de sua língua enquanto falante nativo é um dos conceitos mais básicos na teoria gerativa”. Ainda de acordo com a autora o individuo que tem um conhecimento de uma lingua sabe usar tanto para produção e quanto para entende \_ la . Portanto conhecer o léxico de uma determinada lingua significa que o sujeito sabe usar os itens lexicais e provavelmente pode estabelecer relações entre eles.

Rocha (2008, p.36) resalta que: “ A competência lexical não se resume no conhecimento de uma de itens lexicais. Além disso o conhecimento do falante pode identificar a estrutura interna de um vocabulário e criar novas palavras.” Argumenta ainda o autor que o conhecimento que o indivíduo tem do léxico da sua língua facilita fazer uma série de generalizações a respeito desse léxico. Assim a gramática subjacente que o indivíduo tem contribui para reações paradigmáticas . Desta forma possibilita o sujeito a criar novas palavras com base nessa relação com os Paradigmas.

Rocha (2008, p. 74 \_ 75) argumenta que: “A lista de entrada lexical de um falante nativo, ou, em outras palavras, o léxico mental de um indivíduo, é formado por toda e qualquer forma linguística que a pessoa conhece ou utiliza. Como o falante conhece e utiliza essas formas de maneira intuitiva, compete ao linguista, com auxílio de técnicas adequadas, explicitar essas formas” De acordo com a ideia do autor esta também a ideia de Katamba (1993, p. 224 \_ 8) resalta que:” O que deve uma pessoa saber a respeito de palavras, de tal modo que seja capaz de usá - La como falante e como ouvinte.” Assim o léxico mental de um falante nativo pode ser constituído de qualquer forma linguística como as mais simples e também as mais complexas.

## .POR QUE FORMAR NOVAS PALAVRAS

Na visão de Basilio ( 1987 , p. 5) “As palavras são elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados. Quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não damos conta de que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados que não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu.” De acordo com a autora as formações de novas palavras estão esta relacionada aos fatores das exigências do sistema linguístico , a influencia que o indivíduo falante e o papel das funções sintática.

Essas funções segundo a autora classifica em três funções no que refere na formação de palavras:

A função de mudança categorial ( por exigência do sistema linguístico ), a função expressiva de avaliação ( por influencia do sujeito\_ falante), a função de rotulação( relacionada com o aspecto semântico).

A primeira função refere se quando muitas vezes o individuo precisa empregar um item lexical de uma classe em outra. Por exemplo no cordel criado por um determinado aluno podemos observa isso.

Escute minha gente

O forrozeiro vai forroziar

Quem quiser dançar agora

Bode as pernas para surrupiar

Porque o cabra que não e santo

Mas é santidade do povo brasileiro vai chegar

Achega lampião com seu chapéu na mão

Representando o povo do meu sertão

Neste salão botando pra quebrar

Que nem mulher santinha vai sobrar

Mas os travecos homens bundudos

Na festa vão sobrar porque Lampião vai despençar

Toca, toca forrozeiro Lampião cabra arretado no mundo inteiro.

Se chegasse ao senado brasileiro faria um suadeiro

Mas respeitando o povo brasileiro

Sem discriminação,pois nesse sueiro

Entraria até os travecos brasileiros

Para por ordem na casa

Que pertence a todo povo brasileiro

No cordel as palavras suadeiro, forroziar, santidade, arretado entre outras tomando como base a concepção de Rocha (2008, p78) são resultados de uma coerção discursiva do sistema que obriga à formação de novas palavras. Ainda de acordo com a ideia do autor, então se houvesse uma necessidade do falante do cordel de fazer uma adaptação da classe do lexical, que resultou em uma mudança sintática de avaliar.

A função expressiva de avaliação ocorre quando o autor do cordel usa a palavra santinha em uma das estrofes do poema popular que tomando ainda como base a explicação de Rocha (2008) esse falante busca um novo emprego na formação do novo item lexical, isto é, o indivíduo pode expressar-se usando sufixo efetivo ou enfático ou intensificadores.

A função de rotulação tem relação com aspecto semântico, isto é, com a necessidade que o indivíduo tem quando dar nomes às determinadas coisas, ações, lugares e outros. Esses nomes às ações e às coisas provavelmente estão ligados à cultura, à história, à tecnologia ou ao mundo que vive. No cordel mencionado acima o aluno usa as palavras suadeiro, forroziar, sarrupia estão ligadas a ações e também ao contexto histórico cultural do povo Nordestino.

De acordo com a ideia de Basílio em sua obra Teoria do léxico 1987 a formação de novas palavras vem de elementos que dispomos permanentemente quando queremos formar anunciados, tomando como exemplo o momento que fazemos uma determinada leitura onde encontramos palavras que não fazem parte do nosso vocabulário anterior chamado como interpretação automática de uma palavra usada por outra pessoa. Assim da mesma maneira que autor de livros, música e artigos, dentre outros podem formar novas palavras, os indivíduos também podem. Essa formação de nova palavra ocorre frequentemente no uso diário da língua seja tanto no discurso formal ou em situações coloquial quando são constituídas a partir de um acréscimo de um afixo a uma base de palavra já existente. Assim a formação de novas palavras podem vir de uma forma esporádica ou institucionalizada, já que os itens lexicais são formados a todo momento

na língua portuguesa. Desta forma Bauer ( 1983,p.45 )diz que: “ Uma forma esporádica ( nonce \_ formation ) pode ser definida como uma palavra complexa nova criada pelo falante e escrita ,sob o impulso do momento para satisfazer alguma necessidade inédita”. Entretanto na concepção de Katamba ( 1993, PP. 150 \_ 1 ) rebate a ideia de Bauer sobre um contexto em que figuram os neologismos yuppification e deyuppi\_ fication afirmar: “São nonce words ( palavra cunhadas pela primeira vez e aparentemente usadas apenas uma vez) , que não são instituídas.”Assim uma forma esporádica provavelmente é criada de acordo com as regras de formações de palavras de uma determinada língua . E uma formação esporádica deixa de passar a ser uma formação instituída no momento em que o item torna familiar ou seja é conhecido de uma determinada comunidade linguística. Como também uma formação esporádica pode passar ser instituída a medida que se torna familiar de uma comunidade linguística .

Tomando como base a concepção Szymanek (2005, p.231) “é difícil avaliar e comparar em um termo global, a contribuição de diferentes processos de formação de palavras para o estoque de novos vocabulário .” Entretanto, existem tendências universais no emprego de recursos morfológicos e o português provavelmente se comportam como as outras línguas nesse aspecto.

Para Sapir (1921;p.59 ) “ alguns processos gramaticais como afixação, são extremamente difundidos,outros como a mudança vocálica, são menos comuns.”; além disso, dois, três tipos de afixação. O uso de prefixos, sufixos e infixos \_ a sufixação é muito mais.” Assim a ideia apontada por Sapir (1921) podem ser interpretada na temática em discussão como início que a sufixação tem sido e ainda é hoje uma das principais de novas palavras em uma língua.

Mas Bauer ( 2003) argumenta que em inglês a preferência pela sufixação é reforçada pela tendência crescente nos dias de hoje do uso de afixoides em posição inicial o que caracteriza uma mudança tipológica na mudança dessa língua . É bom resaltar que não queremos aqui neste discurso diminuir o grande alcance da prefixação na língua portuguesa na contemporaneidade, já que o indivíduo continua utilizar inúmeros prefixos para formar novas palavras e também o uso do crescente do afixoide em posição inicial em nossa língua.

## PROCESSOS GERAIS DE FORMAÇÃO DE PALAVRA

Existem dois processos mais gerais de formação de palavras: derivação e composição. Para explicar esses processos vamos tomar como base a explicação de Basílio (1987, p.27 \_ 28 )que explica: O processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo. Por exemplo, as formas retratista (retrato + ista), livreiro (livro + eiro), lavável (lava + vel), contemplação (contempla + ção), reler (re + ler) e predispor (pré + dispor) são formas derivadas: em todas segundo a autora verifica \_ se a estruturação base + afixo, que se concretiza em base + sufixo (como em retratista) ou em geral a base de uma forma derivada é uma forma livre — isto é, uma palavra comum; ou, mais tecnicamente, uma forma que possa por si só constituir um enunciado,

como acontece com verbos, substantivos, adjetivos e advérbios.

Mas a autora resalta também dos casos de derivação a partir de bases presas.

(p. 27) Por exemplo, em psicológico, temos o acréscimo do sufixo -ico, formador de adjetivos, à base psicolog- que é, ao mesmo tempo, composta e presa.

O processo de composição se caracteriza pela junção de uma base a outra para a formação de uma

palavra. Assim, dizemos que uma palavra é composta sempre que esta apresenta duas bases. Por exemplo, palavras como

guarda-chuva (guarda + chuva), luso-brasileiro (luso + brasileiro), sociolinguístico (sócio + linguístico) e agricultura

(agri + cultura) são compostas, isto é, formadas pela junção de duas bases, sejam estas formas presas – isto é, formas

que dependem de outras para sua ocorrência, como agri- em agricultura — ou livres, como chuva, brasileiro, e assim por diante.

Na concepção da autora a mesma diz que que existe uma diferença de função se observarmos mais de perto a diferença entre composição e derivação, veremos que os dois processos são profundamente diferentes e que, de certa maneira, são complementares na função de formar palavras de acordo com nossas necessidades de comunicação.

Em princípio, o processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais.

Com contraparte sintática ou não, mas de caráter fixo e, via de regra, de teor geral. Já o processo de composição obedece à necessidade de expressão de combinações particulares. Afirmo a autora que tal diferença, fundamental embora não exclusiva.

#### Derivação

Os afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas: essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação, correspondentes aos vários sufixos. Assim, a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua.

Dessa forma percebemos que o processo de formação de palavras e a literatura de cordel não está só relacionado no uso da oralidade e sim também da escrita como meio de comunicação do indivíduo. Diante de toda essa discussão fica como reflexão o cordel de um aluno para repensar e contribuir que os trabalhos feitos com textos interativos como o cordel na escola com aluno de necessidades de educação especial TDAH em sala regulares e significativo, pois proporciona um momento de confronto no sentido de comparação com as diversas variedades linguística escrita e falada.

O uso da literatura de cordel como recurso pedagógico na construção do conhecimento e na inclusão para o ensino da morfologia (processo de formação de palavras pode contribuir de forma significativa na construção da identidade, nas tradições literárias regionais, no entendimento do conteúdo, na participação, interação, atenção, na linguagem oral e escrita do aluno. Para finalizar, seguem dois cordéis criado por alunos:

## MINHA IDENTIDADE

Minha gente escute o que tenho para falar

Eu mim chamo Fernandinho

O adolescente mais descentemente do Brasil

Não sou lampião porque não tenho uma Maria Bonita

Mas sou Fernandinho o cabra mais gentil do Brasil

Esse é o meu orgulhoso perfil, não tenho fecebook

Não quero ser deputado, mas se chegasse ao senado.

Não deixaria os professores ser tão pisoteados,

Pois, deveriam ser mais respeitados pelos deputados e homens.

do senado, que quando chegam ao poder esquecem.

o seu passado, por isso não quero ser senador e não tão pouco deputado.

Não sonho em perder o meu real perfil

e ser um cabra mascarado que vive de mordomias no senado do Brasil.

## MINHA LINGUA

A professora mim ensinou que hà dois processos

de formação de palavras que não pode ficar parada

Composição e derivação que faz o processo de formação de palavras



Enquanto ela não quer ficar enferrujada

È por isso que existe o processo tão grande

Que todos querem criar suas maravilhosas palavras

Por que uma língua não pode ficar parada?

Porque uma palavra tem raiz, radical, vogal temática

ou as palavras mudam no decorrer do tempo.

Tem também afixo e prefixo, nomes estranhos!

Mas com eles posso criar novas palavras

Pena que não posso vender minhas palavras

Deixaria de vender balas no buzu e venderia

a amigos minhas palavras criadas

Mas gostei dessa aula porque descobrir

Que sou um criador de palavras e não um caçador de palavras

Dono das minhas palavras criadas.

Na minha terra e língua adorada

Entre outras terras não tem nenhuma igual

A que vive Edevair o nordestino mais estudioso do Brasil.

Que ficou surpreendido ao saber do processo de formação de palavras

A escola é a grande responsável pela formação cognitiva do aluno. Segundo Meserani (1995) relata que , quando entramos na escola, passamos a ter contato com uma serie de imagens que ficam em nossa mente. N o inicio do processo de aprendizagem, símbolos visuais, desenhos, ilustrações são apresentados para criança. Com o passar do tempo, o aluno se alfabetiza e começa uma jornada rumo ao mundo do texto escrito. O ler e escrever provavelmente são tarefas que devem ser desenvolvidas em toda vida acadêmica do aluno. O que devemos refletir como educadores é que o aluno neste processo da sua trajetória escolar fica muito preso a copia. Copia\_ se o que o colega escreve, o que o professor escreve na lousa, fazem \_ se copias dos textos dos livros, das questões dos exercícios, e isso vira uma rotina,pois copiar para ele è normal, tal copia oferece segurança, ela é um registro das informações transmitidas.

De acordo com o autor esse processo não é questionado, e alguns professores continuam usando esse método em suas aulas,dão visto nos cadernos, conferem as letras, observam se as respostas estão vinculadas ao livro didático. Esse trabalho é inutil ,embora der a impressão que tudo vai bem que o aluno esta aprendendo, trazendo satisfação para o professor. Na visão de Meserani ( 1995 ),

Aprendemos a nos comportar com a escrita como se fossemos escrivões, usando apenas como um meio de registrar falas e textos alheios. E não sabemos fazer um texto nosso, com nossa linguagem\_ pensamento, colocando nossa imaginação, nossas ideias e emoções

O autor neste discurso refere .\_ se ao educando como um escrivão, isto é,ele registra o que é alheio. O texto não é dele, não e pessoal e objetivo e atende as necessidades dos métodos caduco do professor e da escola. A linguagem\_ pensamento não è utilizada em sala de aula, apenas uma tarefa de copia. N a realidade o aluno não mostra o que sabe, pois ffica preso o que o professor escreve ou colegas. Assim torna \_ se um aluno escrivão e não um escritor.

Tomando como base a discussão de Meserani tarefa de copia em sala de aula Guedes e Souza (1999, p. 50) argumenta que a escrita deve ser uma atividade intelectual e não simplesmente uma tarefa “ braçal” de copia que envolve resumos, paráfrases e outros. O aluno deve ter a oportunidade de” registrar, comunicar, influir, entender, comover, criar”.

Com base nesta discussão conclui-se que a copia não forma um aluno escritor que possa expressar o que sabe do mundo, mas a proposta da temática Literatura de Cordel como Recurso Pedagógico na Inclusão e na Construção do Conhecimento no Ensino da Morfologia em discussão traz esse mundo ,pois as produções dos cordéis acima percebe-se que os autores dos texto colocam sua visão de mundo, na criatividade de jogo de ideias e conhecimento dos assuntos tratados no texto sendo críticos,pois percebe-se também em ambos textos que redigir não é um ato mecânico e sim comunicar, criar, entender e refletir.

Não é sò a copia que prejudica a formação de um aluno escritor ou seja ter habilidade em escrever. Segundo Teixeira 1997, e que, na maioria das vezes em se pede a produção de um texto, o gênero não é evidenciado pelo o professor na hora que é pedida essa tarefa. Assim podemos concluir na visão de Teixeira (1997) e Gebara (1997), o aluno apresenta dificuldades para escrever se não conhecer o gênero que estará usando. Para entender de forma clara a questão do gênero textual, Bakhtin (2000) explica que as pessoas podem usar a língua por meios de textos escritos. Esse texto é composto de frases, o uso da gramática. O autor resalta que o conteúdo temático, o estilo e a construção do texto se fundem em um todo que é o texto que apresenta especificidades. O conjunto dessas características chama-se gênero do discurso, que se apresenta de diversas formas e de grandes variedades.

Na visão de Koch (2002,P.55 apud BRONCKART 1994) quando o aluno não se inseri em nenhum genero os atos que envolvem linguagem exigem do “agente produtor” uma tomada de decisões, e elas ficam e ela fica ligada a escolher do genero mais adequado. Desta forma esse processo facilita, segundo o autor a organização do conteúdo temático e de que maneira o texto vai ser construído. Assim o professor e o aluno podem construir esse processo juntos . Assim o aluno poderá utilizar a questão do genero em varias situações.

O trabalhar com o gênero segundo Koch (2002) deve ficar próximo à realidade do aluno e o professor deve colocar o aluno em situação de comunicação que fique perto das verdadeiras.

Assim, essa reflexão sobre a dificuldade da utilização do gênero pode vim ajudar tanto o professores e alunos à medida que a minimizarem as dificuldades para produção de texto. A literatura de cordel é carregada de expressividade e historicidade relacionadas com a cultura popular e também como pratica social, sócio \_ discursiva e traz uma reflexão sobre a individualidade da língua incluindo as variedades linguísticas em todas as regiões do Brasil.

O cordel é de uma riqueza de material para trabalhar na proposta desse artigo e também na abordagem dos gêneros textuais em sala de aula porque traz uma ideia sobre gênero do discurso e uma visão sócio \_interacionista de aprendizagem. Desta forma o cordel não è um discurso vazio como diz alguns. Críticos e Sim um discurso que propõem um trabalho com o lúdico, uma linguagem fundamental para construções de significados e conhecimento que pode contribuir para construção da identidade do educando, pois o mundo globalizado exige mais criatividade, capacidade de interpretação e senso critico para entender o mundo.

Conforme Bakhtin ( 2000) diz que:”Seja qual for a espera da atividade humana, ela estará sempre relacionada a utilização da língua e essa será efetuada sob forma de enunciados orais ou escritos, que irão refletir as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas.” São três esferas: estilo, conteúdo temático e construção composicional. Para finalizar essa proposta de trabalho fica aqui registrado o texto o qual a alune o expressa o que pensa, o que sente, o que sabe.

Agora meu amor eu preciso preparar

O bom café nordestino pra você tomar

Na minha terrinha que esquecida pelos

Governantes que aqui so querem mandar

Mas um dia isso vai mudar

Agora meu amigo vamos estudar

O processo de formação das palavras

Para a vida a gente sempre levar

As palavras podem ser primitivas e derivadas

Eu agora vou dizer como elas são formadas

A palavra primitiva serve de base

Para formar novas palavras

Enquanto a derivada são palavras formadas

De outras palavras que não gostam de ficar paradas

Essas palavras representam o povo nordestino

Que na verdade não são preguiçosos e sim amorosos.

Parece complicado esse assunto de entender

Mas é fácil de aprender

Basta o aluno estudar e se esforçar pra valer

Agora eu vou explicar

A outro processo de formação das palavras

Elas podem ser decompostas e aglutinadas

Na verdade nem as palavras gostam

De ficarem paradas.

È um verdadeiro mito

Dizer que não estudou com a professora Monica

A estrutura e o processo de formação das palavras.

Espero ter contribuído com todo esse processo o que é

uma palavra.

## REFERENCIAS

CAVIGNAC JULIE, Literatura de cordel no Nordeste Brasileiro.

CUNHA, EUGENIO, Afetividade na Prática Pedagógica: Educação TV Escola, Rio de Janeiro: Wak Ed 2007.

CUNHA, EUGENIO, Práticas Pedagógicas para Inclusão e Diversidade, Ed, Wak, Rio de Janeiro 2011.

Freire, PAULO, Educação e Mudança, São Paulo, Paz e Terra 2007.

FREIRE, PAULO, Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa, São Paulo, Paz e Terra 2004.

GADOTLI MOACIR, Historia das ideias pedagógicas, São Paulo: Ática 2005.

Gonçalves, C. A. V. (2005) Flexão e derivação em português .I Ed RIO DE Janeiro.  
[HTTP\ literaturadecordel.vilabol.uo.com.br](http://literaturadecordel.vilabol.uo.com.br)

LUYTEN , M. JOSEPH. O que é Literatura de Cordel, Ed. Brasileira, São Paulo, 2005

ANDERSON, S.R. where 'S Morphology; Liguistic inquiry; v.13, n 4, P P571\_

612.1982

MARCUSCHI , L .A. 2005. Ed 10, A construção do mobiliário do mundo da mente : linguagem, cultura e cognição. Juiz de Fora, UFJF, Da Palavra Para Escrita: Atividades de Retextualização , Ed 10, São Paulo, Ed Cortes, 2011.

Concepção de Língua Falada nos Manuais de Portugues de 1º e 2º graus: uma visão crítica. Trabalho em Linguística Aplicada, 1997 a.

PERRENOUD FELIPPE 2º ed. 2010 .A pedagogia na Escola das diferenças; Ed Artmed.

ROCHA, L.C.A. Estruturas Morfológicas do Português . Ed.Martinsfontes, São Paulo, 2008.

SOARES ,M .A.L, CARVALHO,M. F. O professor e o Aluno com Deficiência . São Paulo .E d. Cortez. 2012. V. 5.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.  
GOMES, G. M. da S.; NETO, L. D. N. **A Cultura Afro-brasileira no Saber Escolar Contemporâneo**: articulando histórias, linguagens, memórias e identidades. Disponível em:

[http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/a\\_cultura\\_afro\\_brasileira\\_no\\_saber\\_escolar\\_contemporaneo\\_articu.pdf](http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/a_cultura_afro_brasileira_no_saber_escolar_contemporaneo_articu.pdf). Acesso em: 10 jan. 2010.

KATO, M. **O Aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BAGNO, MRACOS. Preconceito linguístico : O que é, como se faz. 2º Ed.São Paulo. Loyola, 1999. P; 148.

\_\_\_\_\_. Nova sociolinguística. São Paulo : Contexto, 1999 .171 p. BAKHTIN, MIKHAAIL ( Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. 7º Ed. São ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – PPGE/ME FURB  
ISSN 1809– 0354 v. 2, nº 2, p. 293-318, maio/ago. 2007

1997. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol2/n1/mudanca.htm>.

Acesso em: 14 mar. 2006.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas II: problemas de psicología general. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

\_\_\_\_\_, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo:

Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. 2 ed. São Paulo: Centauro, p. 01-17, 2003. Paulo: Hucitec,1995. 196 p.

FREIRE, PAULO. Fundamentos Freirianos para uma discussão sobre as competênc  
ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – PPGE/ME FURB  
ISSN 1809– 0354 v. 2, nº 2, p. 293-318, maio/ago. 2007

1997. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol2/n1/mudanca.htm>.

Acesso em: 14 mar. 2006.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas II: problemas de psicología general. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

\_\_\_\_\_, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo:

Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. 2 ed. São Paulo: Centauro, p. 01-17, 2003.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Globalização e identidade cultural na América Latina*. 2ª edição. São Paulo: CELACC, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. 11ª edição.

2006

LONDRES, Maria José F. *Cordel, do encantamento às histórias de luta*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros passos, V. 98).

MARTÍN-BARREBO, P. **Escritos de Educação**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O poder simbólico**. Lisboa: Difusão da prática educativa. 26 ed. Rio de Janeiro: **Política e Educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001. etivas, que concorrem para a criação das representações que dão sustentação para a ação.

e

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. 35 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. **Pedagogia da Autonomia** Introdução a uma sociologia reflexiva. In: **O poder simbólico**. Lisboa: Difusão da prática educativa. 26 ed. Rio de Janeiro: **Política e Educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001. etivas, que concorrem para a criação das representações que dão sustentação para a ação.

e

### **A LITERATURA DE CORDEL NO NORDESTE RESENHAS**

Natal: Ed. da UFRN, **2006, 363 p.** editora da UFRN traz agora ao público os resultados da pesquisa de ... Julie **Cavignac**, abordando essa forma de linguagem, 2001.

RESISTENCIA E IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA DE CORDEL. Artigo de Marthas Jares\_ Ceará 2010 USP.

ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA: legitimação do povo para o povo. Sirleide 2001.

Vieira. USP2001.

2012. 2001.



Allal, L., Cardinet J. et Perrenoud, Ph. (dir.) (1986). [À avaliação formativa num ensino diferenciado](#), Coimbra, Livraria Almedina (trad. en portugais de [L'évaluation formative dans un enseignement différencié](#), Berne, Lang, 1977). Altet, M., Paquay, L. e Perrenoud, Ph. (2003). [A profissionalização dos formadores de professores](#). Porto Alegre : Artmed Editora (trad. de [Formateurs d'enseignants. Quelle professionnalisation ?](#) Bruxelles : De Boeck, 2002).

Gather Thurler, M. et Perrenoud, Ph. (1994). [À Escola e a Mudança. Contributos sociológicos](#), Lisboa : Escolar Editora (*L'école et le changement. Contributions sociologiques*, recueil de textes traduits en portugais. Inédit comme tel en français).

Paquay, L., Altet, M., Charlier, E. et Perrenoud, Ph. (2001). [Formando professores profissionais. Quais estratégias ? Quais competências ?](#) Porto Alegre : Artmed Editora (trad. en portugais de [Former des enseignants professionnels. Quelles stratégies ? Quelles compétences ?](#) Bruxelles : De Boeck, 1998, 2e éd.).

Perrenoud, Ph. (1993). [Práticas pedagógicas, profissão docente e formação : perspectivas sociológicas](#). Lisboa : Dom Quixote (*Pratiques pédagogiques, métier d'enseignant et formation : regards sociologiques*, recueil de textes traduits en portugais. Inédit comme tel en français).

Perrenoud, Ph. (1995). [Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar](#), Porto, Porto Editora (trad. en portugais de [Métier d'élève et sens du travail scolaire](#). Paris : ESF, 1994).

9, 6<sup>e</sup> éd. 1BASÍLIO, Margarida M. P. Morfologia: uma entrevista com Margarida Basílio. ReVEL. Vol. 7, n. 12, mar

SE

Teoria Lexical . BASILIO,M..São Paulo,1987. Ed; Ática.

(

Editor: **Ática**

\_\_\_\_ **Formação e classes de palavras no Português do Brasil. São Paulo: Contexto , 2004.**

\_\_\_\_ **Estrutura lexical do português : Uma abordagem gerativa. Petropolis:Vozes, 1980.**

\_\_\_\_ **Segmentação e classificação morfológicas. Cadernos da Puc/RJ, Estudos de Linguística e Língua Portuguesa.**

**ARONOFF, M .WORD Formation in Generative Grammar. Cambridge: MIT Press, 1976.**

\_\_\_\_ ( org). **Morphology by Itself: Stem and inflectional Classes. Cambridge : MIT Press, [ s d].**

**BASILIO,M. 2004 \_ Revelli \_ REVISTA de ed. Linguagem e Literatura da UEG INHUMAS ISSN 19846576 \_V2,N.2 . Estudo de 2010 P. 19 \_ 37.**

**BAUER,L. Against Word Based Morphology. Linguistic Inquiry, v. 10,n3,pp508\_1979.**

**\_\_\_\_\_English world Formation. Cambridge: University Press,1983**

**KaTAMBA, F. Morphology. Houndmills: The Macmillan Press,1993**

**ROSA,M.C.A.P. Introdução à morfologia .São Paulo, 2000.**

**SAPIR, E. Language: na Introduction to the Study of Speech. Nova York: Harcour Brace and world Inc, 1921.**

**SCALISE,S. Generative morfologia. Bologna.II Mulino1994.**

**SAUSSURRRE, S.F.coursde linguistique generale. Paris :Payot1964**

**BLOOMFIELD ,L .Language.. Nova York: Henry Holt 1993**

**TRAVAGLIA ,L C. Gramatica e interação: Uma proposta para o ensino De gramática N 1° é 2° 6° E grau 6° Ed; São Paulo. Cortez 2001.**

**CHOMSKY Aspectos of theory of syntax.Cmbridge: The MIT press 1965**

**BECHARA , CUNGA E CINTRA CEGALA 1975 E 1999 19975**

*SOARES, A. LEITE MARIA E CARVALHO . M. DE FATIMA O ROROFESSOR E O ALUNO COM DEFICIENCIA . ED. CORTEZ 2012. R. de JANEIRO.*

*RIBEIRO .S. L MARIA E BAUMEL C.R CECILIA ROSELI .ED. EVERCAMP S. PAULO. 3° edição; 2011*